

## DIÁSPORA MINA NO RECIFE OITOCENTISTA

*Mina diaspora in the 19<sup>th</sup> century Recife*

Filipe Matheus Marinho de Melo

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife, PE, Brasil

COSTA, Valéria Gomes. *Òminira: mulheres e homens libertos da Costa d'África no Recife* (c. 1846 – c. 1890). São Paulo: Alameda, 2021. 348p.

Há duas importantes questões postas pela historiografia sobre o tráfico e a escravidão africana em Pernambuco que estudos recentes têm tentado romper. A primeira delas, uma provocação feita por David Eltis e Daniel Domingues da Silva (2008), é de que, apesar de Pernambuco ter sido o terceiro porto mais importante de desembarque de escravizados do Brasil – ao lado do Rio de Janeiro e Bahia –, os estudos sobre o tráfico para a capitania/província ainda são exíguos. Felizmente, nos últimos quinze anos este cenário está sendo modificado por novas pesquisas, possibilitando uma compreensão sobre o tráfico de escravizados com contornos mais claros. A segunda questão é sobre a população africana em Pernambuco. Por um lado, não há mais como falar em “escravizados” e “africanos” de forma generalizante. Mas, por outro, grande parte dos estudos que se dedicaram em estudar a diáspora africana e seu impacto em Pernambuco, foram taxativos sobre a existência de uma “onda angolana” – para utilizar uma expressão do historiador John Thornton (2010). De fato, a presença de africanos de nação Angola foi expressiva, mas não única. Por isso, o mérito da pesquisa de Valéria Costa não está em apenas enfatizar as experiências sociais de africanos no Recife do século XIX, mas também em apontar para a presença das pessoas que vieram da Costa da Mina.

Valéria Gomes Costa é professora da Universidade Federal de Pernambuco e autora da obra *Òminira: mulheres e homens libertos da Costa d'África no Recife*, resultado de sua tese de doutorado defendida em 2013 na Universidade Federal da Bahia, sob orientação de Flávio Gomes. Apesar de, nas palavras da autora, ser “uma obra datada” (Costa, 2021, p. 42)

devido ao tempo decorrido entre a defesa e a publicação, os debates, propostas e sujeitos de pesquisa da obra continuam atuais. *Òminira* também se insere em um quadro mais amplo de interesse historiográfico que, há mais de vinte anos, tem fomentado debates, simpósios, livros e artigos, especialmente entre pesquisadores do Rio de Janeiro e da Bahia. Este interesse, portanto, é o de dedicar especial atenção aos grupos de escravizados que vieram da Costa da Mina, chamados genericamente nas fontes de “minas”, e nas relações comerciais entre o Brasil e o Golfo do Benim (isto é, a Costa da Mina). Desta forma, o que a pesquisa de Valéria Gomes Costa faz é inserir Pernambuco neste debate, tão circunscrito às pesquisas da Bahia e do sudeste do Brasil.

Seguindo as trilhas da renovação historiográfica que se deu nos estudos sobre escravidão no Brasil a partir da década de 1980, o trabalho de Valéria Gomes Costa está ancorado no conceito thompiano de “experiência social”. A partir desse conceito, a autora analisa a trajetória de cerca de 30 africanos libertos, através de seus testamentos e inventários *post-mortem*, procurando inseri-los nos meandros da sociedade escravista do Recife Oitocentista. Isto implica dizer que a proposta de seu estudo é a de revelar lutas, ambiguidades e resistências de seus sujeitos de pesquisa para compreender como concebiam suas liberdades (Costa, 2021, p. 40). Ao conceito de experiências, somam-se as considerações dos antropólogos Sidney Mintz e Richard Price sobre as reconstruções socioculturais e as adaptações que foram elaboradas pelos africanos na diáspora. Para a autora, a reconstrução da vida dos libertos africanos, com suas ações, gostos e escolhas, esteve orientada por uma memória social e cultural de suas vidas antes do tráfico. Portanto, esta “memória” serviu como “guia” para as experiências dos libertos na diáspora (Costa, 2021, p. 40). Estas abordagens, apesar de centrais, não são únicas. Valéria Costa também se utiliza das reflexões da micro-história para percorrer seus sujeitos de pesquisa, tendo na “ligação nominativa” um método para montar as redes, os laços de parentescos, os conflitos e solidariedades. Além disso, a obra também é marcada pelas reflexões dos métodos biográfico e prosopográfico, possibilitando revelar experiências coletivas e individuais que conectam alguns dos sujeitos em seu estudo entre si e com a sociedade mais ampla.

*Òminira*, que em livre tradução do iorubá para o português significa “liberdade”, possui, além de prefácio, introdução e considerações finais, cinco capítulos. No primeiro capítulo, Valéria Gomes enfatiza o perfil demográfico e étnico da população africana no Recife. Para tanto, debruçou-se nos censos populacionais, rotas e estatísticas do tráfico e

registros dos livros eclesiásticos para apresentar ao leitor a diversidade das nações presentes no Recife da segunda metade do século XIX. Embora os “angola” sejam maioria em sua amostragem, a autora encerra o capítulo elaborando um debate sobre a presença “mina”, discutindo os números do tráfico referentes aos sujeitos vindos da Costa da Mina., Além disso, tece ligações entre os grupos encontrados nas fontes do Recife e seus locais de procedência na África, suas formas de organização identitária no Recife, relacionamentos e redes entre a comunidade mina ou mesmo com outros grupos de africanos.

No capítulo dois, Valéria Costa discute a distribuição domiciliar dos africanos e apresenta ao leitor o conceito de “cartografia negra”, formulado para pensar como as experiências da liberdade faziam com que os africanos criassem estratégias de reafirmação dessa liberdade e de pertencimento na cidade do Recife através dos conflitos e negociações diários com os diferentes grupos sociais (brancos, mestiços, crioulos, livres, escravos etc.). Por outro lado, para além de nos apresentar o domicílio como uma estratégia (coletiva ou individual) desenvolvida pelos libertos para se afastarem dos estigmas do cativo – representando *status* social –, ela também demonstra que o teto próprio era um projeto para a construção da autonomia, algumas vezes formulados na escravidão através das relações de dependência tecidas com o grupo senhorial.

No capítulo seguinte, sua atenção desloca-se para o interior daqueles domicílios e seu debate toma como foco a formação das famílias e dos vínculos de parentesco e afetivos. Seu entendimento acerca da família dos africanos segue as reflexões de Mintz e Price sobre a “família negra”, entendida como um local que agrega sujeitos diversos e que não necessariamente compartilham relações consanguíneas. Além de um espaço de reconstrução, os laços familiares e de parentesco, segundo a autora, encobrem estratégias de amparo e ajuda mútua, manutenção da cultura africana, projetos para a liberdade de membros da família e *status*, uma vez que a oficialização dos enlaces conferia respeitabilidade. A autora, portanto, analisa como estas questões se encaixaram em cada caso estudado.

No quarto e penúltimo capítulo, a discussão realizada por Valéria Costa situa o leitor no mundo do trabalho e dos negócios realizados pelos africanos no Recife. A autora faz uma distinção: tendo consciência de que os libertos que deixaram testamento e inventários são um grupo à parte, ela não toma os africanos que persegue como universais, visto que não foram todos os libertos que conseguiram elaborar testamento e ter seus bens inventariados.

O caminho adotado, portanto, desloca-se para as fontes da Casa de Detenção do Recife. Com isto, Valéria Costa traça um perfil social e econômico dos africanos libertos.: De um lado, há aqueles pequenos e médios comerciantes que deixaram testamento e inventário, possuindo cativos, imóveis etc. e que não passaram pela Casa de Detenção; do outro lado, há os que faziam do trabalho de rua seu meio de subsistência e que, por estarem nas ruas, eram alvos das ações policiais. Destes, a autora avaliou que eram, em sua maioria, ganhadores, canoieiros, marinheiros, cozinheiros etc. O outro grupo, que compreendemos como uma elite negra, vivia da renda de seus cativos, do aluguel de seus imóveis e de seus pequenos negócios – algumas vezes enredados com grandes comerciantes do Recife.

No último capítulo, a análise se concentra em uma temática já bastante discutida pela historiografia, a saber, a vida religiosa e a presença em irmandades. Mas seu objetivo é, antes, “esmiuçar as articulações sociopolíticas e culturais dos africanos” (Costa, 2021, p. 275). Com isto, a autora destrincha a composição de africanos nas irmandades negras do Recife e verifica que, na irmandade do Rosário, sobejamente estudada como espaço de atuação de angolas e crioulos, há a presença de africanos minas, inclusive nos cargos da Mesa Diretora. Porém, mais do que ser mais uma análise da irmandade e das negociações e conflitos existentes naquelas instituições, Valéria Costa aponta para a existência de africanos muçulmanos que foram membros da irmandade, como foi o caso de Anacleto Manuel dos Santos. Portanto, se de um lado a análise se desloca dos conflitos no seio da irmandade para a presença de irmãos muçulmanos e cultos islâmicos no Recife, por outro, aponta para a convivência e circulação de praticantes africanos em diferentes espaços religiosos.

Esta resenha tentou, por meio de descrição das temáticas abordadas em cada capítulo, demonstrar a relevância que *Òminira* possui para a historiografia pernambucana sobre a diáspora africana. Pode-se concluir que a obra já é um clássico, não apenas pela seriedade da pesquisa, pelas conclusões e debates, mas também por restituir o lugar de Pernambuco na historiografia da escravidão.

## REFERÊNCIAS

SILVA, Daniel Domingues; ELTIS, David. *The Slave Trade do Pernambuco, 1561-1851*. ELTIS, David; RICHARDSON, David (org.). *Extending the frontiers: essays on the new transatlantic slave trade database*. Yale University Press, 2008, p. 95-129.

THORNTON, John. Angola e as origens de Palmares. In: GOMES, Flávio (org.). *Mocambos de Palmares: história e fontes* (séculos XVI-XIX). Rio de Janeiro: 7Letras, 2010, p. 48-60.

#### DADOS DE AUTORIA

Filipe Matheus Marinho de Melo

Mestre em História Social da Cultura Regional pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) e graduado em Licenciatura em História pela Universidade de Pernambuco (UPE). É tutor no curso de Licenciatura em História na modalidade EAD-UAB da Universidade de Pernambuco (UPE).

[filipemarinho@gmail.com](mailto:filipemarinho@gmail.com) | ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-5932-5975>